

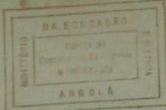
República Popular de Angola

Ministério da Educação

— CENTRO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO —

DOCUMENTOS
do
3º SEMINÁRIO
NACIONAL
PEDAGÓGICO

- 4 a 14 de Abril de 1977 -



INTRODUÇÃO



Com o fim de elevar a qualidade do trabalho pedagógico que actualmente se desenvolve na batalha de Alfabetização em Angola, iniciada oficialmente no passado dia 11 de Novembro de 1976, vamos realizar o terceiro Seminário a nível Nacional, com representantes dos vários Departamentos Pedagógicos Provinciais, os quais durante a primeira etapa, concluída no dia 14 de Abril, tiveram a responsabilidade de dirigir e controlar as actividades que se desenvolveram nesse sector.

Muitas experiências foram adquiridas durante estes seis meses de intenso trabalho em que a capacidade criadora do nosso povo, sob a orientação do MPLA, permitiu que, apesar de todas as dificuldades encontradas, se mantivesse o entusiasmo e cada dia haja mais angolanos a integrarem-se no estudo para aprender a ler e escrever.

Mais do que ensinar, esperamos aprender com todas as camaradas que vão participar no Seminário.

Por isso, desde já estamos plenamente convencidos de que o terceiro Seminário Pedagógico Nacional será mais uma vitória do povo angolano, na luta persistente contra o analfabetismo, herança que os exploradores nos deixaram.

PROJECTO

DATA: 5 a 14 de Maio de 1977

Participantes: Responsáveis dos

Departamentos Pedagógicos Provinciais um elemento da Secção de preparação de Alfabetizadores e outro da Secção de atenção aos Alfabetizados (três por cada Província).

Lugar: Luanda, capital da R.P.A.

Objectivos:

Recolher experiências do trabalho desenvolvido pelas províncias durante a primeira etapa da batalha de Alfabetização. Dar orientação sobre o modo como devem realizar-se os seminários de reciclagem com os alfabetizadores que actualmente se encontram incorporados.

Definir a linha a seguir na preparação inicial dos quadros da pós alfabetização que se incorporem na batalha de Alfabetização. Reforçar a orientação sobre a avaliação dos alfabetizados.

Insistir na importância da visita técnica às aulas e o
.../...

.../...

método que deve usar-se para realizá-la.

Aprofundar as várias formas que podem desenvolver-se para estimular o trabalho de alfabetização: Encontros de conhecimento.

As orientações de como deve desenvolver-se o trabalho de complemento da Alfabetização durante a segunda etapa.

RECOMENDAÇÕES:

Cada província terá uma informação escrita onde se assinalam as experiências desta primeira etapa, dificuldades encontradas, medidas usadas para as resolver, iniciativas desenvolvidas, etc.

As informações de cada província deverão estar avaliadas também em números, para tornar mais objectivas as análises que forem feitas.

O programa de actividades do Seminário inclui sessões em que estarão presentes todos os participantes, bem como trabalho em grupos, se for necessário fazê-lo.

O bom andamento dos trabalhos exigirá da parte do camarada:

- a) pontualidade
- b) disciplina
- c) participação
- d) iniciativa
- e) trabalho escrito

Durante a realização do Seminário funcionará um placard informativo que reflectirá a vida do mesmo.

PLANO DE ACTIVIDADES

Dia 5 - (5ª. Feira)

Manhã - Abertura

Discussão do programa do Seminário

Formação dos grupos de trabalho

Informação do decorrer do trabalho da tarde.

Tarde

Informações orais das Províncias.

Dia 6 (6ª. Feira)

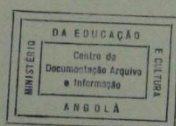
Manhã - O Seminário. Sua importância; aspectos que devem ter-se em conta na realização do mesmo; como orientar um Seminário.

Linha a seguir na sua preparação, ~~desse mesmo~~. (Trabalho de grupo).

.../...

III SEMINÁRIO NACIONAL
PEDAGÓGICO

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECICLAGEM DOS ALFABE-
TIZADORES INCORPORADOS NA 1ª ETAPA.



Em resposta à palavra de ordem do Plenário do Comité Central do MPLA - " Alfabetizar é um dever Revolucionário " - milhares de camaradas deram um passo em frente e incorporaram-se como alfabetizadores na grande batalha contra o analfabetismo, que se iniciou no dia 11 de Novembro de 1976, com as palavras pronunciadas pelo Camarada Presidente da República Popular de Angola, António Agostinho Neto, nas instalações da Fábrica da Textang.

Actualmente, encontram-se incorporados no estudo mais de 200000 alfabetizandos que com entusiasmo e convicção, lutam dia a dia, vencendo todas as dificuldades, para aprender a ler e escrever, fazendo uso de um direito ganho através de muitos anos de duras batalhas.

Milhares de aulas, estão em funcionamento em toda a extensão do nosso País: umas nas fábricas, outras nas unidades militares das nossas gloriosas FAPLA; há as que nas primeiras horas da manhã, sob as árvores e tendo por assento o solo, agrupam camponeses, mulheres, jovens e velhos, todos com o mesmo objectivo: aprender a ler e escrever, para ser mais útil à pátria. Em cada aula de alfabetização, está presente uma vontade e decisão férreas: o alfabetizador, dando exemplo de militância e paixão revolucionária, estimulado com o avanço dos seus alunos que, diariamente, arrancam sons à língua veicular, para a dominar e colocar ao serviço da Unidade Nacional, da solidariedade internacional e do desenvolvimento do País. Muitos angolanos sabem já ler e escrever, " Angola é a nossa terra " " O povo unido luta ", " a luta continua ", " o País precisa de ti ". Camaradas que, durante longos anos, tiveram que suportar sobre os seus ombros a ignorância deixada pela exploração colonial, e que em pouco tempo foram capazes de demonstrar que os povos, quando são livres e donos de seu destino, são capazes de realizar grandes proezas.

E são esses resultados que nos estimulam para continuar a batalha contra o analfabetismo. E ao longo dessa Batalha há a destacar o trabalho positivo realizado pelos alfabetizadores.

Recolhemos desta primeira etapa do trabalho, valiosas experiências e uma delas é que devemos dar ainda mais atenção aos alfabetizadores no seu trabalho para que não abandonem esta batalha, e dando-lhes uma atenção sistemática para que possam desenvolver o seu trabalho com maior eficiência.

O maior estímulo para um analfabeto incorporado no estudo é comprovar que todos os dias aprende algo novo, do mesmo modo, o maior estímulo que recebe um alfabetizador é comprovar que em cada dia ensina algo de novo.

O nosso trabalho tem de ser capaz de conseguir que, tanto os alfabetizadores como os analfabetos, sintam esse estímulo tão necessário na alfabetização.

Sabemos muito bem que não falta vontade aos nossos alfabetizadores, mas em geral carecem da técnica necessária que lhes permita dominar o uso dos dois instrumentos fundamentais da alfabetização: o Manual e o Guia.

Podemos comprovar isso em numerosas visitas técnicas realizadas às aulas de alfabetização. O Guia não está a ser usado correctamente e isso traz como resultado, que o alfabetizador improvise a aula que da e não cumpre todos os passos indicados no Guia.

Não podemos esquecer que o Guia e o Manual constituem uma unidade, que compreende uma globalização de objectivos, com que conseguimos não apenas ensinar a ler e escrever, mas também ao mesmo tempo realizar uma tarefa de politização, quer para o analfabeto quer para o alfabetizador. Por isso dizemos que a alfabetização é um acto político. Quando o alfabetizador estuda as coisas que lhe servirão de base para estabelecer a conversação com os alunos, estamos a conseguir levar uma mensagem, mensagem essa que corresponde à linha do MPLA e do Governo da República Popular de Angola. Devemos também estar plenamente convencidos de que isto não se conseguirá espontaneamente. É necessário que exista uma correcta orientação do método, uma atenção sistemática e um controle constante. Só deste modo podermos alcançar o que realmente pretendemos.

Onde existe o problema? Nos alfabetizadores? Não!

Nesta primeira Etapa, o problema esteve nos Seminários de preparação inicial que, em muitos casos, não se desenvolveram com a qualidade necessária, e além disso, também não houve uma boa e sistemática atenção aos alfabetizadores depois de concluído o Seminário de preparação inicial.

Por isso temos que encarar as deficiências que houve como nossas e não dos alfabetizadores, e portanto temos de desenvolver um trabalho no sentido de todos os alfabetizadores que se incorporaram na primeira etapa passem por uma reciclagem que permita corrigir algumas das dificuldades existentes, e contribua para que tenham pleno domínio do método que se utiliza para ensinar a ler e escrever.

OBJECTIVOS DA RECICLAGEM

Contribuir para fortalecer o domínio do método utilizado para ensinar a ler e escrever.

Fortalecer ideológica e politicamente os alfabetizadores em

relação ao significado da Batalha de Alfabetização.

Estimular os alfabetizadores.

Melhorar a qualidade e controle do trabalho.

Como se deve desenvolver o trabalho de reciclagem dos alfabetizadores?

O trabalho de reciclagem dos alfabetizadores deve desenvolver-se através de Seminários especiais tanto a nível de Província como Município.

Dizemos especiais porque estes seminários terão a característica de se realizar, sem que os alfabetizadores deixem de prosseguir as suas aulas de alfabetização.

Quer dizer que a reciclagem é uma actividade simultânea com as tarefas de alfabetização, e que não as interrompe mas pelo contrário as favorece.

Qual é o conteúdo que deve ter o programa de reciclagem?

Deve contemplar os seguintes aspectos.

Importância da Batalha de Alfabetização em Angola.

Trabalho desenvolvido pelo MPLA durante a guerra em favor da alfabetização do povo Angolano.

Importância do Guia do Alfabetizador: seu conteúdo; como utilizá-lo.

Estudo da estrutura do Manual de alfabetização

Demonstrações práticas de como se deve trabalhar com os dois instrumentos. A mensagem que contém e o método que se utiliza.

Aulas práticas dadas pelos alfabetizadores para comprovar se realmente dominam o método. Crítica às aulas dadas.

Chamamos a atenção para o facto de, para que os Seminários de reciclagem cumpram o seu objectivo, é fundamental que sejam bem organizados, que o número de participantes não seja excessivo para que as orientações possam ser compreendidas correctamente.

Os participantes de cada Seminário deverão organizar-se por equipas, para conseguir um melhor controle e organização.

Que tempo devem durar os Seminários de reciclagem?

O tempo de duração dependerá das condições concretas de cada Província ou Município, mas é bom que não seja inferior a uma semana. (Ver documento anexo das orientações do III Seminário Nacional, sobre este assunto).

Quem dirigirá os Seminários de reciclagem?

Os Seminários de reciclagem serão dirigidos pelos Departamentos Pedagógicos nos respectivos níveis, os quais deverão preparar-se devidamente, para garantir, com toda a responsabilidade, este trabalho que é decisivo para a segunda etapa da batalha de Alfabetização.

Os aspectos correspondentes à importância da batalha de Alfabetização, bem como ao trabalho desenvolvido pelo MPLA durante a luta de libertação, devem de preferência ser abordados por um membro da Comissão Directiva do MPLA da área, ou, na sua falta, pelos Comissários.

Nestes Seminários de reciclagem deverão ser estimulados todos os alfabetizadores que alcançaram os melhores resultados durante a primeira etapa. E são precisamente estes, os que devemos seleccionar. Em primeiro lugar, para que dêem aulas práticas nos seminários, dando a conhecer as experiências adquiridas, bem como as iniciativas aplicadas.

Outro aspecto extremamente importante a tratar nos Seminários de reciclagem, é o que se refere à avaliação na Alfabetização. É muito pouca a experiência dos nossos alfabetizadores nesse aspecto, e pouco também, foi o que demos como orientações; por isso é fundamental aprofundar esta questão.

Devemos insistir (e isto constitui um importante objectivo) na discussão e definição das responsabilidades que têm os alfabetizadores.

Não poderemos tratar nestes Seminários todas as questões que nos preocupam em relação à qualidade do trabalho pedagógico de momento, teremos de ter em consideração apenas as fundamentais, mas sabemos que na atenção técnica sistemática que os nossos alfabetizadores receberão no futuro, iremos completando a preparação e formação desta valiosa fonte de futuros professores do povo angolano.

ORIENTAÇÕES DO 1º SEMINÁRIO PEDAGÓGICO NACIONAL
SOBRE OS SEMINÁRIOS DE RECICLAGEM

- Que os Seminários de Reciclagem se realizem não só a nível Provincial e Municipal, como também a nível de Zonas, Bairros e Comunas.
- Que o primeiro seminário a realizar-se seja o Seminário Provincial. Deves fazer parte deste seminário os edas. dos Departamentos Pedagógicos Municipais e, como colaboradores, os alfabetizadores que mais se destacaram na 1ª Etapa. Estes edas. trabalharão nos posteriores seminários que se realizem.
- Que os seminários de reciclagem se desenvolvam tendo como base o princípio de não prejudicar a produção nas salas de alfabetização. Deve-se considerar como excepção os casos de alfabetizadores que trabalhem em zonas rurais e que não estão ligados à produção sujeita a horário fixo. Com estes edas. pode-se fazer um seminário com estadia por alguns dias, caso as condições o permitam. Mas não podemos deixar de fazer aviso prévio aos alfabetizandos sobre o tempo durante o qual o alfabetizador não dará aulas, e quais os motivos.
- O tempo de duração destes seminários deve ter em conta a maior ou menor facilidade de assimilação do grupo de alfabetizadores. No entanto, nunca poderá ter menos de dez sessões, de preferência uma por dia. A duração das sessões não pode ser inferior a duas horas e meia.
- Nestes seminários deve dar-se relevo aos resultados da 1ª Etapa em todo o País, para que os alfabetizadores tenham conhecimento dos êxitos e das falhas do trabalho realizado. É necessário também insistir na explicação do método usado na alfabetização, e dar no Seminário muita atenção às demonstrações práticas, tanto por parte dos orientadores do seminário, como dos alfabetizadores que participam.
- A formação política dos nossos quadros é fundamental. Assim, o Seminário de reciclagem tem de dedicar algum tempo à apresentação e debate de alguns aspectos mais importantes para a actual fase de desenvolvimento do nosso País. A colaboração dos dirigentes políticos e das organizações de massas é, portanto, fundamental.

O 2º SEMESTRE

PRIMEIRA FASE DA POS-ALFABETIZAÇÃO

Com o início oficial da Batalha de Alfabetização, no dia 11 de Novembro de 1976, podemos dizer que também se iniciou a Educação de Adultos em Angola.

Temos sabemos que, antes da Independência do nosso País, poucos eram os operários, camponeses, mulheres, jovens e trabalhadores em geral, que tinham a possibilidade de assistir a aulas nas poucas escolas nocturnas que existiam. Nestas escolas eram dados programas de estudo que não correspondiam aos seus interesses porque eram os mesmos que se utilizavam com as crianças no ensino Primário.

Isto não preocupava os exploradores, mas é hoje uma das grandes preocupações do Governo da República Popular de Angola. Os que ontem eram oprimidos e explorados dirigem hoje o País rumo ao socialismo. Portanto a sua educação tem de responder a esse objectivo.

Nesse sentido, o Ministério da Educação está a trabalhar com o objectivo de organizar um sistema capaz de, em pouco tempo, elevar o nível cultural e político das massas, contribuindo para que elas sejam mais conscientes, mais produtivas e mais úteis, e tenham a perspectiva de uma superação constante das suas limitações, para que possamos ter, no futuro, técnicos, engenheiros, médicos, professores, etc., saídos do seio das classes operária e camponesa.

Isto não é uma tarefa fácil, mas com o processo de alfabetização já damos um passo em frente, e esperamos que, com todas as experiências adquiridas, possamos em breve encontrar definições concretas neste sentido.

Na primeira etapa da Batalha da Alfabetização, aprenderam a ler e escrever mais de quarenta mil pessoas.

Todos sentem a necessidade de continuar a estudar e assim o demonstram constantemente.

Para esses camaradas e para todos os que se vão alfabetizando no futuro, assim como para aqueles que frequentaram a 1ª. classe ou mesmo a 2ª., e que há muito tempo não assistem a aulas e esqueceram muitos dos conhecimentos adquiridos, elaborámos algum material.

Esse material inclui um livro de textos de português e um folheto com noções elementares de Aritmética, com os quais trabalharemos a partir do mês de Junho.

Essa nova fase corresponderá, portanto, ao 2º. semestre, e faz já parte da primeira fase da Pós-Alfabetização (ver esquema anexo).

Objectivos

- Garantir que os camaradas recém-alfabetizados continuem a estudar, consolidando e aumentando os seus conhecimentos.

Quem participará?

- Os camaradas recentemente alfabetizados e que se vão alfabetizando.
- Os que têm uma 1ª classe ou mesmo a 2ª, mas há muito tempo já

que não estudam.

Quem deve trabalhar com essas camaradas?

- Camaradas seleccionados de entre os actuais alfabetizadores.
- Camaradas especialmente preparados para esse fim.

Terão de ter, como condição mínima a 4ª classe, e são condições de preferência :

- serem militantes do M.P.L.A.;
- serem trabalhadores dos próprios locais onde se encontram os alfabetizados;
- terem experiência de alfabetização.

Como se desenvolverá o trabalho no 2º semestre?

Para este trabalho temos de ter em conta várias possibilidades:

- a) Nas unidades militares e para-militares formar-se-ão grupos com os camaradas alfabetizados, os quais serão orientados de preferência por camaradas das suas unidades. Os responsáveis pelas aulas do 2º semestre integrar-se-ão na estrutura dos Núcleos de Pós-Alfabetização juntamente com camaradas de outros sectores da mesma zona. Isto no caso das unidades fixas. No caso das unidades móveis, constituirão Núcleos de Pós-Alfabetização orientados pelos camaradas da Secção da Alfabetização e Cultura da respectiva unidade.
- b) Nos centros de trabalho formar-se-ão aulas integradas por recém-alfabetizados e os camaradas com 1ª e 2ª classe de que já falámos. Estes camaradas devem ser orientados por um camarada do próprio centro de trabalho, de preferência. Se as condições o permitirem e o número justificar, podem juntar-se

com camaradas de outras fábricas ou centros de trabalho que fiquem próximos, e possam ficar integrados no mesmo Núcleo de Pós-Alfabetização.

- c) Em centros ou escolas criados propositadamente para a Pós-Alfabetização, a nível de Comunas, aldeias, Bairros ou Zonas, conforme as necessidades e as possibilidades.
- d) Em aulas independentes, quando não existe possibilidade de se associarem a outros grupos de Pós-Alfabetização. De qualquer forma, o responsável pela aula tem de pertencer a um Núcleo de Pós-Alfabetização.
- e) Quando as condições não permitem que o camarada recentemente alfabetizado se enquadre numa destas variantes, este deverá manter-se provisoriamente na mesma aula onde foi alfabetizado, e ser atendido pelo alfabetizador. Assim evitaremos que esse camarada se desmobilize e volte ao analfabetismo, por falta de continuação.

Neste caso, o alfabetizador tem de atender a dois grupos distintos, dividindo o tempo da sua aula. Mas os Departamentos Pedagógicos devem tratar de, no mais curto espaço de tempo, integrar os camaradas em grupos específicos de Pós-Alfabetização, assistidos por um camarada devidamente preparado.

- - - - -

Para que estas tarefas tenham êxito é fundamental que participem todos os organismos políticos e de massas que integram as Comissões de Alfabetização a todos os níveis.

Para as actividades do 2º semestre, devemos, mais do que nunca, atender em primeiro lugar aos sectores prioritizados definidos a nível nacional:

- PAFLA
- Operários
- Camponeses organizados
- Trabalhadores em geral

NÍVEIS DE ENSINO		EQUIVALÊNCIA
Período de Consolidação de Conhecimentos		↓
2 anos úteis	4º Semestre	4ª Classe
	3º Semestre	
	2º Semestre	
	1º Semestre - Alfabetização	

OS NÚCLEOS DE ALFABETIZAÇÃO:

UMA DAS FORMAS PARA O APOIO

SISTEMÁTICO AOS ALFABETIZADORES E CON-
TROLE DO SEU TRABALHO

NÚCLEOS DE ALFABETIZAÇÃO

(1)

Os Núcleos de Alfabetização são uma forma de organização que contribui para garantir o controle e orientação técnica sistemática do trabalho que, neste momento, milhares de alfabetizadores realizam em todo o País.

O Núcleo de Alfabetização será formado por oito, dez ou quinze alfabetizadores e um responsável ou orientador. Reunirão semanalmente ou de quinze a quinze dias sob a direção do responsável ou orientador. Nestas reuniões, o orientador do Núcleo verificará os seguintes aspectos:

a) Situação de trabalho de cada alfabetizador em relação ao avanço dos alfabetizados, as faltas, as dificuldades que encontram, etc. Esta informação deve ser feita oralmente pelo alfabetizador que, além disso, entregará uma pequena informação escrita onde deve referir:

- quantos alfabetizados vão numa ou noutra lição;
- quantas aulas devia ter dado durante os dias que passaram desde a última reunião do Núcleo, e quantas deu;
- justificação das aulas que não houve, explicando os motivos;
- quantas faltas teve por parte dos alunos;
- alguns problemas graves que tenha havido;

Depois de realizado o balanço das actividades, o orientador, conforme as dificuldades observadas, dará algumas orientações técnicas e metodológicas de carácter geral, que serão de utilidade para todos os alfabetizadores.

Nas suas orientações, o responsável deve insistir para que os alfabetizadores dominem completamente o método de alfabetizar; poderá verificar isso escolhendo alfabetizadores para que façam demonstrações práticas na reunião do Núcleo, ou fazendo perguntas simples sobre as orientações que aparecem no do Alfabetizador.

Em cada reunião do Núcleo de Alfabetização, deve escolher-se o "Alfabetizador mais destacado", tendo em conta os resultados do trabalho.

Todos devem participar na análise para escolha do "alfabetizador mais destacado", de forma que não seja apenas o orientador, mas sim todo grupo, a escolhê-lo.

/...

Uma vez terminada a reunião, o orientador preparará uma informação que incluirá os aspectos mais importantes, tais como a situação relativamente ao avanço de todos os alfabetizandos que o núcleo tem (controle por lições), faltas, dificuldades, etc.

É muito importante que o local escolhido para reuniões do Núcleo de Alfabetização seja sempre o mesmo, e que tenha as condições mínimas: assentos e um quadro.

Não é recomendável realizar a reunião num dia num local e outro dia noutro, porque isso prejudica o bom desenvolvimento e controle do Núcleo.

TAREFAS DO RESPONSÁVEL OU ORIENTADOR DO NÚCLEO DE ALFABETIZAÇÃO

- Participar pontualmente das reuniões do seu Núcleo de Alfabetização.
- Possuir um caderno onde tenha o controle e a relação nominal dos seus alfabetizadores, o número de alfabetizandos de cada um, o local onde alfabetiza e o horário.
- Ter o controle das lições em que vão os alfabetizandos do seu Núcleo.
- Garantir a entrega dos materiais de estudo aos seus alfabetizadores.
- Participar nas reuniões estabelecidas com o responsável, e dar-lhe as informações pedidas, após as reuniões do seu Núcleo.
- Participar na aplicação das provas de avaliação juntamente com os seus alfabetizadores para garantir a seriedade do trabalho.
- Garantir a orientação técnica aos seus alfabetizadores.
- Visitar as aulas em que trabalham os seus alfabetizadores para ver na prática como se processam, e depois analisar os resultados na reunião do Núcleo de Alfabetização.
- Cumprir as orientações recebidas do Departamento Pedagógico

RESPONSABILIDADES DO ALFABETIZADOR

- Ir diariamente para as aulas devidamente preparado, no horário estabelecido.
- Participar com pontualidade nas reuniões do seu Núcleo de Alfabetização.
- Preparar o expediente dos seus alfabetizandos, do qual fazem parte os seguintes documentos: ficha de controle das faltas e presenças dos alunos, a prova inicial, a prova intermédia e a prova final de avaliação.
- Garantir a entrega dos materiais de estudo aos seus alfabetizandos.

- Cumprir as orientações recebidas do orientador ou responsável técnico.
- Entregar uma informação escrita em cada reunião do seu Núcleo de Alfabetização.
- Garantir que o local onde alfabetiza reúna as condições mínimas, em colaboração com os alfabetizandos.
- Ter um caderno ou um bloco onde apontará as orientações e recomendações que recebe das visitas do orientador ou de outros dirigentes.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES DO SEMINÁRIO PEDAGÓGICO

NACIONAL

SOBRE OS NÚCLEOS DE ALFABETIZAÇÃO

Insistiu-se ~~que~~ ^{atenção} se dará muita ~~atenção~~ à selecção do alfabetizador mais destacado, para evitar desmoralizar os outros camara-
das do grupo.

Neste sentido, o orientador actuará com muito tacto.

A selecção do alfabetizador mais destacado realizar-se-
à mensalmente.

Foi proposto que o Centro Nacional elabore um modelo para as informações regulares que o orientador deve prestar ao responsável técnico. Deste modo, se pode garantir maior controle e uniformidade.

Considerou-se oportuno que o alfabetizador informe o seu núcleo sempre que tenha problemas relacionados com as condições do local onde alfabetiza, para que o orientador tome conhecimento desses problemas e os leve a nível de Município.

Considerou-se conveniente que, quando seja necessário e as condições concretas de trabalho o permitam, o orientador não alfabetize, para que possa ocupar-se devidamente de todas as aulas do seu núcleo.

Considerou-se que não era necessário que em cada reunião do núcleo o alfabetizador entregue uma informação escrita, mas que a informação ao núcleo deve ser oral, se bem que em qualquer oportunidade o orientador possa pedir uma informação escrita.

A A V A L I A Ç ã o:

SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

- SEMINÁRIO NACIONAL PEDAGÓGICO DE ALFABETIZAÇÃO.

-1-

O homem é um criador, e a sua vida e a sua obra são avaliados diariamente.

Desde os primeiros momentos da vida, cada homem avalia de alguma maneira tudo aquilo que o rodeia e que está em estreita relação com a sua pessoa.

Isto permite a cada um distinguir o que lhe dá algum benefício e o que o prejudica, entre o útil e o inútil. Enfim, faz um raciocínio primeiro para depois tomar decisões e actuar consequentemente.

Desta maneira cada indivíduo chega a um conhecimento de valor, relativo ao que o rodeia e de certa forma das suas próprias acções. A avaliação é pois, um guia para a actuação, para aceitar ou modificar algo ou para mudar uma linha de conduta. A sua importância é extraordinária, mas avaliar satisfatoriamente, nem sempre é tarefa fácil. É um processo complexo condicionado por muitos e variados factores que requer dados e elementos suficientes para a sua realização.

O desenvolvimento adequado da capacidade para avaliar os vários aspectos da realidade de que faz parte, deve ser um dos mais importantes objectivos a alcançar com cada elemento da colectividade humana, porque positivamente, avaliar adequadamente é ter já uma oportunidade de poder agir em cada circunstância de acordo com o que essa circunstância pede.

Na alfabetização tudo deve avaliar-se e as avaliações que fizermos a um alfabetizando têm que estar sempre de acordo com os objectivos propostos.

Tem de ser, necessariamente, um trabalho constante através de todo o processo de aprendizagem. E nesta avaliação, não é só avaliado o alfabetizando como também o alfabetizador.

Constitui um grave erro pensar-se que a avaliação na alfabetização se limita à aplicação das provas inicial, intermédia e final. Estas têm importância, disso não temos a menor dúvida, se as considerarmos como um complemento do trabalho que realizamos.

No caso da prova final, esta é um índice oficial de avaliação, a que sem dúvida temos que prestar muita atenção. Mas é lógico supor que quando levamos um alfabetizando a realizar a sua prova final e se trabalhou consecutivamente com ele, é seguro que a poderá fazer com muita facilidade.

.../...

12...

Se analisarmos detalhadamente o manual de alfabetização, percebemos-nos que o princípio da avaliação constante e sistemática se cumpre através dos exercícios contidos em cada lição assim como, através de outras actividades que se indicam.

Quando apresentamos a gravura que serve de base para a motivação da conversação, fazemo-la para avaliar como interpretam, e ao mesmo tempo como se expressam os alfabetizandos.

Quando no exercício nº.1 pedimos aos alfabetizandos que localizem sons nas famílias silábicas que aparecem em diferentes grupos, o fazemos para comprovar se aprenderam o som novo que estamos a ensinar.

No exercício nº.2 comprovamos se os alfabetizandos são capazes de ler palavras formadas por outros sons estudados anteriormente e estimulá-los também a descobrir novas palavras.

No exercício nº.3 comprovamos se são capazes de ler sózinhos o exercício de leitura. No exercício nº.4, se conseguem fazer com a maior fidelidade a cópia do que aparece escrito.

Por último aparece o ditado, importante actividade que nos vai permitir saber se os alfabetizandos são capazes de escrever o que ditamos.

É muito importante ter bem claro os objectivos que pretendemos alcançar com cada exercício, para poder trabalhar conscientemente e avançar com passos seguros.

Se o objectivo do exercício nº.3, é que os alfabetizandos sejam capazes de ler sózinhos, o alfabetizador não deve avançar, até que esteja completamente convencido de que a maioria dos seus alfabetizandos podem fazê-lo.

Isto só o saberá, avaliando os seus alfabetizandos e cumprindo as orientações que aparecem no guia do alfabetizador.

Quando dizemos maioria dizemo-lo porque sabemos que nem todos os alfabetizandos aprendem ao mesmo e há sempre quem tenha maiores dificuldades.

Ora bem, se eu tenho 15 alfabetizandos e há 4 que estão atrasados temos que ir avançando com os 11 que estão em dia, sem deixar de dar atenção aos 4 que merecem um cuidado especial. Mas não se deve atrasar o avanço dos 11 atendendo sómente aos outros 4.

.../...

/...
-3-

Pode acontecer o contrário, 4. (quatro) estarem avançados e 11 (onze) atrasados. Quando isto sucede o alfabetizador tem que analisar o método que está utilizando, pois estes números indicam que as coisas não se estão fazendo como devem fazer-se.

Seguindo na análise do manual observaremos que depois de um certo número de lições aparece uma leitura preparada com palavras formadas por sons já conhecido pelos alfabetizandos, que permitirá conhecer como avançam os alfabetizandos e, ao mesmo tempo, constitui um poderoso estímulo, pois estes sentir-se-ão muito felizes ao comprovarem que depois das primeiras sete lições já conseguem ler uma pequena leitura.

A avaliação deste exercício deve ser feita cuidadosamente para que realmente possamos comprovar a efectividade do trabalho que temos realizado.

Em continuação vamos nos referir às provas que actualmente realizamos:

inicial, intermédia e final

Como dissemos anteriormente as provas têm muita importância se as considerarmos como um complemento do trabalho, por isso devemos estar esclarecidos quanto aos objectivos que pretendemos alcançar com cada uma.

PROVA INICIAL:

Esta prova aplica-se a todos os que se incorporem na Base de Alfabetização. O seu objectivo é saber o grau de conhecimento que tem uma pessoa, tanto na leitura como na escrita, para assim se determinar se é analfabeto, semi-analfabeto ou se realmente não é nenhuma das duas coisas. O alfabetizador deverá realizar estas provas com seriedade e responsabilidade.

Podemos assegurar desde já que o êxito futuro da tarefa da alfabetização numa aula dependerá da qualidade com que se execute a prova inicial.

Depois de classificadas todas as provas, as pessoas analfabetas e semi-analfabetas ficarão na aula, mas não os que já sabem ler e escrever e que, portanto, não são analfabetos.

Com estes deve-se conversar politicamente aconselhando-os a incorporarem-se noutros cursos onde possam sentir-se melhor e avançarem nos seus conhecimentos.

.../...

141
Não é correcto que numa aula de alfabetização se encontrem pessoas que realmente não são analfabetas, porque quando isto acontece, o trabalho do alfabetizador é perturbado.

As provas deverão guardar-se no expediente de cada alfabetizando.

Se os resultados da prova inicial dizem que há 10 (dez) analfabetos e 5 (cinco) semi-analfabetos, o alfabetizador deve organizá-los devidamente e não deve esquecer-se que não se poderá trabalhar igualmente com ambos os grupos pois estes possuem características diferentes.

PROVA INTERMÉDIA:

Esta é uma prova parcial cujo objectivo é apreciar se os alfabetizandos compreenderam e fixaram os conhecimentos essenciais que correspondem às 15 (quinze) principais lições do manual.

Esta prova deve ser feita depois do alfabetizador realizar a leitura nº.2 que se encontra na página 39 (trinta e nove) do Manual de Alfabetização.

Para se avaliar os 5 (cinco) aspectos que contêm a prova, recomendamos a utilização das categorias B. R. e M.. Isto permitirá maior objectividade nas análises posteriores que deverão realizar-se sobre os resultados.

O alfabetizador deve ter presente que a avaliação dos exercícios 3 (três), (leitura) e 5 (cinco) (interpretação do que leu) é imediata portanto uma vez terminados ambos os exercícios dá-se a classificação.

Esta deve ser feita numa folha à parte. A classificação nunca deve ser posta na prova. Desta forma garante-se que o esforço realizado não fique no ar nem na memória do alfabetizador.

Há que ter muito cuidado na altura de classificar. Não podemos esquecer nunca que são c/das que estão a aprender e que as coisas não saíão da forma ideal que pretendíamos.

Dizemos que há que ter muito cuidado, porque neste sentido, a avaliação tem que ser um estímulo e não um instrumento de desmoralização. Queremos insistir em que a prova intermédia se apli que à medida que os alfabetizandos terminem as 15 (quinze) primeiras lições e tenham lido a leitura nº.2. Se 2 (dois) alfabetizandos estão em condições de fazer a prova, ou seja, venceram as 15 (quinze) primeiras lições, fazem-na.

.../...

/...
-6-

Se posteriormente mais 2 (dois) podem fazê-la, fá-lo-ão nesse momento.

Não se deve esperar por ter 4 (quatro) ou 6 (seis) alfabetizados, ou melhor, ir acumulando alfabetizados para depois se fazer a prova. Se fazemos isto, a prova perderá o seu objectivo.

O mais importante, depois de realizada a prova intermédia, é analisar os seus resultados para saber como estão os alfabetizados, quais são os aspectos em que se encontram mais fracos para insistir mais com eles nesses aspectos, de forma a eliminar as dificuldades existentes e continuar a avançar firmemente.

Se ao analisarmos as provas, comprovamos que não têm devidamente de acordo com a fase em que se encontram, então devemos dedicar um tempo à revisão da leitura, dos sons que ainda não dominam totalmente, etc.. Se pelo contrário, comprovamos que a maior dificuldade está em não pudermos fazer o ditado, devemos analisar porque é que isto sucede. Talvez seja porque não cumprimos com as recomendações que aparecem no guia do alfabetizador, sobre a forma de fazer este exercício, ou porque certamente não preparámos os alfabetizados devidamente para isso através dos exercícios de ditado que sistematicamente aparecem em cada uma das lições.

Seja por uma ou por outra coisa a realidade diz-nos que os alfabetizados têm dificuldades e devemos tomar medidas para as resolver.

É recomendável que, depois que as provas intermédias estejam classificadas, as entreguemos aos alfabetizados para que eles possam observar os êxitos que vão alcançando nos seus estudos.

Depois dos alfabetizados verem as suas provas, devem-se recolher e colocá-las nos seus respectivos expedientes.

PROVA FINAL:

Esta prova é o índice oficial da avaliação para determinar se um alfabetizado está ou não alfabetizado.

Não queremos dizer que o objectivo da prova final é conhecer ou observar se os alfabetizados sabem ler e escrever porque realmente supomos que quando se submete um alfabetizado a prova final de antemão sabemos já se sabe ou não ler e escrever. Não há pior frustração para uma pessoa que se está alfabetizando do que submetê-la a uma prova sabendo de antemão que não pode realizá-la.

.../...

Na prova final o alfabetizando demonstrará dominar alguns aspectos que consideramos essenciais para ser declarado alfabetizado.

Um alfabetizador poderá dizer que já tem 5 (cinco) ou 6 (seis) alfabetizados que sabem ler e escrever, mas oficialmente não poderão ser declarados, nem considerados alfabetizados se não realizarem a sua prova final.

A prova final deve aplicar-se com responsabilidade e seriedade, criando-se um clima favorável ao redor dos alfabetizados que a realizam.

Os alfabetizadores devem preparar os seus alfabetizados psicologicamente para o dia da prova, dizendo-lhes que é fácil fazê-la, a fim de ganharem confiança e a verem como algo natural. Também se lhes deverá dizer que é possível que no dia da prova alguns convidados visitem a aula para ver como eles trabalham, etc.

A prova final aplica-se depois que o alfabetizando tenha dado as 33 (trinta e três) lições do Manual e tenha lido a poesia "Criar" do Camarada Presidente Antônio Agostinho Neto.

Não se deve esperar que todos os alfabetizados tenham dado as lições para a prova ser feita em conjunto. A medida que o alfabetizando vai concluindo ir-se-á fazendo as provas.

Isto é muito importante ter-se em conta, pois constitui um forte estímulo para os que ainda não terminaram as lições observarem e comprovarem que alguns dos seus camaradas que não sabiam ler e escrever, já sabem.

Os alfabetizados que se considerem alfabetizados manter-se-ão na aula e continuarão a receber as aulas de quem os alfabetizou. A estes camaradas entregar-se-á imediatamente os livros de leitura e aritmética como complemento da alfabetização.

Todas as provas finais serão guardadas nos expedientes dos alunos.

Com os semi-analfabetos devemos trabalhar com o Manual de Alfabetização, tendo em conta que o ritmo de aprendizagem deles é mais rápido do que o dos que são completamente analfabetos.

Os semi-analfabetos também devem realizar a prova final.

OBSERVAÇÕES:

As provas finais serão guardadas nos Centros Provinciais, conforme a decisão do III Seminário Nacional Pedagógico.

- As directrices sobre as modificações das provas, são as que constam na circular datada de 25/5/77 elaborada pelo Departamento Pedagógico do C.N.A., até que sejam feitas novas provas de avaliação.

A CARTA:

É uma forma de avaliação e um estímulo.

Fazendo parte da prova final o alfabetizado deve escrever uma pequena carta ao Comandante Presidente Antônio Agostinho Neto. Esta é uma actividade muito importante que deverá ser tratada devidamente.

O alfabetizador deve aproveitar esta oportunidade para explicar as partes que constam uma carta. Deve ajudar os alfabetizados a exporem as suas ideias e a expressarem-nas como eles queiram. Não se pode esquecer que o recém-alfabetizado é um ser que pensa, que compreende porque é importante saber ler e escrever, que sente amor pelo seu Presidente e portanto é capaz de expressar-se sozinho. O alfabetizador cometerá um grave erro se ditar as frases ao alfabetizado para que se escreva na sua carta pensando que desta maneira o ajuda.

A carta é pessoal e o alfabetizado deve escrever livremente o que pensa e sente.

Dizemos que a carta é uma forma de avaliação porque através dela comprovamos como os alfabetizados expressam as suas ideias, como escrevem, etc.

É recomendável que no dia em que o alfabetizado vai escrever a sua carta, o alfabetizador leve para a sala folhas brancas de preferência com linhas, para garantir a uniformidade.

Pode-se dizer aos alfabetizados que escrevem a carta em qualquer papel e que depois a passem com calma para que fique mais bonita a folha que se entregará ao Comandante Presidente.

A carta deverá ser escrita com lápis. Isto permitirá^{que} o alfabetizado não tenha dificuldades se precisar de apagar.

A direcção no envelope deve ser escrita pelo alfabetizado e não pelo alfabetizador.

A direcção que deve vir no envelope é a seguinte:

Comandante António Agostinho Neto
Presidente do M.F.L.A. e da Re-
pública Popular da Angola

Remetente: _____
Fábrica de _____
Cabinas _____

Em continuação deves algumas formas de avaliação que realmente são funda-
mentais e que o alfabetizador deve ter em conta através de todo o processo de
aprendizagem dos seus alfabetizandos.

- 1ª. - Observação directa e constante do interesse despertado e mantido com
os alfabetizandos.
- 2ª. - Atenção às perguntas feitas pelos alfabetizandos.
- 3ª. - Análise das respostas dos alfabetizandos às perguntas feitas pelo alfa-
betizador.
- 4ª. - Verificação de todos os trabalhos realizados pelos alfabetizandos nos
seus centros.
- 5ª. - Realização de exercícios no quadro (caso o tenham) com a participação
de um nº. determinado de alfabetizandos, para contribuir, para consoli-
dação e aplicação do aprendido.
- 6ª. - Análise dos resultados das provas que se realizam.

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
CENTRO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO
DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO

RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA A REALIZAÇÃO DAS VISITAS ÀS AULAS DE ALFABETIZAÇÃO

- 1) Quem vai realizar uma visita técnica a uma aula de alfabetização nunca deve esquecer que um dos objectivos fundamentais, talvez o mais importante, é estimular os alfabetizandos e o alfabetizador na importante e decisiva batalha em que se encontram envolvidos.
- 2) Quando o visitante se retira da aula deve deixar um ambiente favorável em que todos se sintam mais fortalecidos e com maior disposição para seguir, enfrentando com êxito todas as dificuldades que se podem apresentar.
- 3) A visita não pode terminar sem que o visitante, uma vez terminada a aula, se reúna com os alfabetizandos e estabeleça uma conversação amena em que todos participem e deem as suas opiniões. Esta conversação é importante pois dará oportunidade ao visitante de aprender com os alfabetizandos e ao mesmo tempo levar-lhes uma mensagem revolucionária.
- 4) O visitante deve ainda ter em conta os seguintes pormenores durante a visita:
 - a) Chegar à aula uns minutos antes do horário estabelecido. Isto permitirá avaliar a pontualidade e a assistência dos alunos e do alfabetizador.
 - b) No caso do visitante chegar atrasado, deve cumprimentar os alunos e o alfabetizador e pedir-lhes que continuem a aula normalmente, recomendando que não devam preocupar-se com a sua presença.
 - c) O visitante deve ocupar lugar atrás dos alunos. Nunca deve sentar-se frente a eles nem perto do alfabetizador para evitar limitações no desenrolar da aula.
 - d) O visitante não deve interromper a aula fazendo perguntas nem gestos de desaprovação que possam intimidar o alfabetizador.
 - e) O visitante não deve mover-se durante a aula para fazer perguntas aos alunos, nem ver os cadernos dos mesmos. Se acha necessário fazê-lo deve esperar pelo final da aula.

- f) Deve observar a aula completa, respeitando o horário com que funciona a aula.
- g) Depois que o alfabetizador termine a aula, o visitante deve pedir imediatamente autorização ao alfabetizador para conversar com os alunos.
- h) Depois que os alunos se retiram o visitante deve reunir-se com o alfabetizador para analisar os resultados da visita:
 - Primeiramente o visitante deve focar os aspectos positivos observados e de seguida os negativos.
 - Na base das dificuldades verificadas o visitante deve dar orientações técnicas ao alfabetizador, a fim deste poder superá-las. É muito importante que o visitante ao dar orientações técnicas faça demonstrações práticas.
- i) O visitante deve pedir ao alfabetizador que aponte todas as orientações dadas no seu bloco, para que este possa consultar posteriormente.

ENCONTROS DE CONHECIMENTO

(1)

A realização dos Encontros de Conhecimento pretende atingir os seguintes objectivos:

- 1º. - Estimular todos que estão na alfabetização.
- 2º. - Consolidar os conhecimentos adquiridos pelos alfabetizados.
- 3º. - Elevar o nível político e cultural dos alfabetizados.

O Encontro realizar-se-á baseado nas lições seleccionadas da cartilha "A Vidéria É Certa" e textos de apoio.

O número de lições tratadas no Encontro dependerá do nível em que se encontram os que tomarão parte nele. É fundamental que as lições escolhidas tenham sido anteriormente tratadas nas aulas.

O "Encontro de Conhecimento" poderá realizar-se entre grupos de alunos de mesma aula de alfabetização ou entre aulas diferentes.

METODO A SEGUIR

Uma vez definidas as lições que serão tratadas no Encontro, deve realizar-se uma reunião com os respectivos alfabetizadores para discutir o plano que se vai desenvolver.

Nesta reunião deve ficar definido até que número de lição o Encontro incluirá. Também aí se definirá o dia, hora e local em que se realizará o Encontro.

Antes do Encontro, os alfabetizadores devem fazer, nas suas respectivas aulas, uma revisão das lições escolhidas e que foram determinadas anteriormente, com a finalidade de os alfabetizados dominarem amplamente o material, irem confiantes de que terão problemas.

Esta fase prévia será também aproveitada para trabalhar com os Textos de Apoio ao Encontro, advertindo-se sempre os alfabetizados da possibilidade de, no Encontro, lhes poderem ser feitas perguntas sobre esses assuntos.

É aconselhável que os alfabetizadores realizem frequentes encontros nas aulas para um melhor treino.

Tudo isto significa, portanto, que o Encontro de Conhecimento consta de duas fases.

- Primeira fase: preparação e treino dos alfabetizados tendo em vista o Encontro.
- Segunda fase: O Encontro em si.

A primeira fase é muito mais importante do que a segunda.

Se não se realizar a devida preparação prévia dos alfabetizados, não se

conseguirão os objectivos do Encontro.

TEXTO DE APOIO:

Este ^{texto} ~~texto~~ consta de vários assuntos relacionados com: política, geografia, ciências, saúde, história, etc.

/...

O Guia de Apoio será utilizado recorrendo ao método de debate oral, quer dizer, através da conversação com os alunos recolher experiências e transmitir os conhecimentos que desejamos, realizando exercícios que favoreçam a fixação desses conhecimentos.

É necessário que esta conversação seja feita em termos simples para que os alfabetizandos participem.

SOBRE O LOCAL PARA O ENCONTRO

O local onde se realizará o Encontro deve possuir as condições necessárias: boa iluminação, cadeiras, quadro, giz, bandeiras, fotografias de dirigentes angolanos, etc. Em resumo, deve ser um local acolhedor que estimule os alfabetizandos a participar em novos encontros.

SOBRE O JÚRI

O Júri que dirigirá o Encontro será constituído pelos alfabetizadores das aulas que participarem, por membros dos Centros e Comissões de Alfabetização nos respectivos níveis. Deve também estar presente uma representação dos alfabetizandos mais qualificados.

SOBRE O ENCONTRO EM SI

O sucesso do Encontro depende de uma boa organização do mesmo.

Os Departamentos Pedagógicos, aos diferentes níveis, prepararão perguntas simples extraídas das lições que vão ao Encontro assim como do Guia de Apoio.

As perguntas podem ser, por exemplo:

"Diga o nome do Presidente da República Popular de Angola"; "Quais as cores que tem a Bandeira de Angola?"; "Leia o exercício 3 da lição nº 3"; "Leia 3 palavras do vocabulário da lição nº 5"; "Leia a leitura 1"; "Assinale no mapa a Província de Cabinda"; "Indique duas riquezas de Angola"; etc.

Cada uma das perguntas será escrita num pequeno papel, e colocam-se estes papéis numa caixa.

No dia do Encontro, os alfabetizandos serão distribuídos na sala de forma tal que os de cada aula fiquem juntos, formando grupos separados; cada grupo terá um chefe.

Os grupos devem estar devidamente organizados para que as actividades se desenvolvam com facilidade.

O mesmo grupo pode ser chamado a participar várias vezes no decorrer do Encontro. Isso dependerá do número de grupos e de alfabetizandos. Se houver 3 grupos podem, por exemplo, realizar-se 15 participações, que serão cinco de cada grupo, rotativamente. O número de voltas do Encontro depende portanto do entusiasmo que se consiga, e do tempo disponível.

Deve evitar-se que sejam sempre os mesmos alunos a responder, pois isso destruiria os objectivos do Encontro.

Uma vez iniciado o Encontro, um alfabetizando escolhido pelo seu grupo, irá retirar da caixa, ao acaso um dos papéis dobrados, que contém a pergunta à qual terá de responder. Entrega esse papel ao Júri e será este que fará a pergunta.

/...

Se o camarada interrogado não souber responder, dá-se a oportunidade a outro alfabetizando do mesmo grupo. Se nenhum daquele grupo puder responder, então põe-se a questão a outro grupo.

Chamamos a atenção para a atitude a ter com o alfabetizando. Não se deve pô-lo numa situação difícil. Deve haver calma e criar-se um clima favorável, para que o alfabetizando responda à pergunta.

Quando a resposta está certa, marca-se um ponto no quadro, no espaço reservado ao seu grupo.

No final do Encontro, ganhará o grupo que tiver obtido mais pontos. No entanto, o verdadeiro vencedor do Encontro será o Povo Angolano.

ORDEN DE TRABALHOS DO ENCONTRO

1. - Hino da República Popular de Angola
2. - Saudação aos camaradas participantes do Encontro, feito por um membro do Centro ou da Comissão Nacional, Provincial ou Municipal de Alfabetização (será apenas uma saudação e não um discurso.)
3. - Apresentação do Júri
4. - Desenrolar das actividades do Encontro
5. - Escolha do grupo vencedor
6. - Allocução de encerramento.

Ministerio de educação
estágio de formação de professores
Inglês

A MOTIVAÇÃO

Alguns capítulos do trabalho de estágio(73/74) de H. Odete
Pando

1- Conceito de motivação

Compreendendo que a motivação da aprendizagem é uma das pedras basilares em que assenta o ensino dos nossos dias, decidi debruçar-me sobre os problemas com ela relacionados, os princípios em que se fundamenta, a sua necessidade, técnicas e consequências.

Mas que entendemos por motivação?

Citando as definições apresentadas por Abraham Sperling e H.S. Gill, in "introdução à psicologia" "motivação é o porquê de cada acto humano", "...é a tendência para a actividade, iniciada por uma pulsão e finalizada por uma adaptação" ou segundo a definição seguida por Mericic apresentada por Andrews T.G. "motivação é o processo que provoca certo comportamento, mantém a actividade ou a modifica."

Entrando no âmbito da motivação da aprendizagem, Ansel Fontoura, in "Escola Viva", entende a motivação como "algo que leva os alunos a agir por vontade própria, por interesse e não por coerção, por medo de serem punidos."

Segundo Aguayo "motivação é um esforço vitalizado em oposição ao esforço sem interesse". E acrescenta "podemos defini-la como conexão do trabalho escolar, com a experiência, interesses, valores e aspirações do aluno." Assim, o mesmo autor considera "o trabalho infantil bem motivado, quando satisfaz uma necessidade do educando, quando busca um fim que ele deseja atingir".

A escola tradicionalista exigia dos alunos actos sem motivo, mediante coerção exterior. Quando os educadores conseguiram compreender o mecanismo dos motivos humanos, surgiu a Escola Nova.

Em suma, motivar é despertar o interesse e o esforço do aluno. É fazer o aluno desejar aprender aquilo que ele precisa de aprender.

Pattern: An arrangement of sounds or words which recurs systematically and which is meaningful.

Pattern Practice: Structural method in which the patterns of a language are learned to the point where students can repeat, alter, or respond to them habitually and fluently. (Method largely used in U. S. A.)

Programed Learning: The systematic sequencing of material and its presentation in small segments, often through a "teaching machine", type of device which instructs the student to continue, when his answer is correct, or to review if his answer is incorrect.

Structure : 1) The recurring patterns of the language as they occur in forms of words in utterances.

2) The grammar of the language.

Structural Method: Series of procedures which consists in breaking down the structure of the language into features of arrangements trying to teach these features as separate items, one by one bit. It means teaching pupils to use the structures by habit-forming and habit-adapting. (Method largely defended by descriptive linguistics)

T. G. G. (Transformational Generative Grammar) Method defended by Noam Chomsky, professor in the M. I. T. (Massachusetts Institute of Technology), who opposes the structural method. "The creative aspect of language is quite incompatible with the idea that language is a habit structure."

Whatever a habit structure is, it is clear you can't innovate by habit, and the characteristic of language both by a speaker and by a hearer is innovation." (1)

Techniques—What the teacher uses in class in order to carry out the method of teaching he is following.

(1) Noam Chomsky, Aspects of Theory and Syntax, Cambridge, Massachusetts, 1965.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - DO ENSINO-SECUNDÁRIO
7 DE MARÇO A 2 DE ABRIL - DISCIPLINA - INGLÊS

A língua faz parte da cultura de um povo e representa o melhor meio que os membros de uma sociedade têm para comunicar. Assim, se "língua é comunicação" o sucesso da aprendizagem da mesma verifica-se pela possibilidade de falar ou não, por parte do aluno.

Mas até aos finais do século XIX uma língua estrangeira era ensinada, não como o tal "meio de comunicação" mas através do chamado "Grammar-translation method". O aluno tinha duas tarefas principais - decorar e recitar regras gramaticais e folhear o dicionário para a aquisição de longas listas de vocábulos, que eram decorados também. Era o processo usado para a aprendizagem das chamadas línguas mortas ou clássicas.

Todos nos lembramos de como isso acontecia. O professor que era o contro da chamada escola tradicional depois de saudar os alunos mandava-os ler. Normalmente, três ou quatro faziam-no e o professor limitava-se a corrigir a leitura que era preparada foneticamente pelo aluno, em casa, com o auxílio de um dicionário. A segunda fase da aula era a tradução completa do texto lido. Os alunos respondiam, então, a duas ou três perguntas de interpretação, formuladas pelo professor, perguntas essas que constituíam quase totalmente o que os jovens ouviam na língua que tentavam aprender. O resto da aula era destinado à versão para a "tal língua" de frases, normalmente longas e tortuosas, da língua mãe. Levavam-se dois, três ou mais anos a estudar uma língua estrangeira e ao fim desse tempo os alunos eram incapazes de a usar. Passavam a detestá-la e um complexo de inferioridade surgia.

Os alunos preparavam-se, talvez, bem para as provas e exames escritos. que constavam, invariavelmente, no nosso país, de um texto com perguntas de interpretação, tradução para a língua mãe e desta para a língua que se aprendia e havia ainda uma composição livre. A primeira e última partes eram as mais desastrosas para os alunos. Geralmente, raros eram os que conseguiam manter uma conversa de cinco minutos sequer, sobre um tema qualquer, com um natural da língua ou com o próprio professor. Adquiriam a possibilidade de ler obras no original e sabiam de certeza regras gramaticais melhor do que muitos nativos educados. Mas continuavam com a "língua presa" para a fala.

Talvez exista uma explicação para o uso ou abuso do estudo da gramática, nesse tempo.

Pensava-se que haveria qualquer coisa por trás de todas as línguas, chamada "gramática universal" e que podia ser aprendida separadamente de uma língua; que se poderia moldar a gramática inglesa, por exemplo, pela gramática latina; que tal estudo era um exercício de pensamento lógico, que treinava a mente, etc.. Claro que este processo livresco de aprendizagem de uma língua, horrorizava toda a gente e o desenvolvimento dos meios de transporte, que abriram as portas ao turismo universal

.../...

originaram um interesse pelas línguas modernas como meio de comunicação e vieram demonstrar que o "grammar-translation method" também conhecido por "prescriptive approach" era obsoleto, embora continue ainda a vigorar...

-2-

Como reacção a tal método, surgiu na Europa um movimento que preconizava o ensino de uma língua estrangeira por um contacto directo com a mesma através da apresentação de diversas situações. Talvez por ser a figura mais representativa, muitos consideram Jespersen, linguista dinamarquês, o pai do método directo. Ele próprio no seu "How to teach a foreign language" diz que tal método tem, pelo menos, sete pais, que ele prefere) phonetical, que lhe desagrada, imitative (aceitável) analytical, conhecer o contacto directo com a língua estrangeira, o "direct method" não dava muito valor à tradução, principalmente como meio para se chegar a um fim - aprendizagem da língua e eliminava a memorização de regras gramaticais. A ideia principal era a associação de palavras e frases com o seu significado, através de demonstração dramatizada, etc., embora tal ideia tivesse sido deturpada por muitos dos seus partidários. Assim, alguns linguistas perfilhavam a opinião de que o aluno devia ser "envolvido" na língua estrangeira independentemente da sua compreensão, pois a pouco e pouco formadas situações. Como era tal possível, se não percebia o que estava a dizer? Jespersen, contudo acha que essa compreensão deve existir, embora não seja aconselhável obtê-la através do recurso à tradução. Diz não ser esta o meio mais viável para o ensino de uma língua estrangeira e que nunca deve ser utilizada para principiantes, pois há outros processos mais convenientes e interessantes para levar o aluno à compreensão, como a observação directa ou percepção imediata utilizada para ensinar, por exemplo a área vocabular relacionada quer com a sala de aula, quer com o corpo humano, ou a percepção mediata, por meio de pictures, cards, wall charts, flash cards, slides e tantas outras técnicas modernas agora em voga.

Claro, que a tradução tem real cobimento, quando se trate da apresentação de palavras referidas a conceitos abstractos, mas só após esgotados todos os recursos, que possam levar o aluno à compreensão do que lhe é apresentado.

Segundo lado o "direct method" é caracterizado por uma ênfase a apresentar palavras e frases aos alunos, de tal modo que seja desnecessária a tradução ou análise gramatical. Existe pois uma dúvida-validez ou não da tradução no método directo?

Fries, no seu "Teaching and learning English as a second language" página 7, apresenta tirada do Webster's New International Dictionary, Second Edition, 1934, pág. 738, a seguinte definição de "direct method" - "A method of teaching a foreign language, especially a modern language, through conversation, discussion and reading in the language itself, without use of the pupil's language, without translation and without the study of formal grammar. The first words are taught by pointing to objects or pictures or by performing actions".

O método directo substituiu, assim, a recitação gramatical pelo contacto com a língua e a tradução pela própria língua e nele sobressai, já uma predominância da oralidade sobre a leitura ou escrita.

.../...

Jespersen, que sempre considerou a língua como um meio de comunicação, critica o facto de no método tradicional os exercícios gramaticais serem desconexos, representando frases sincopadas, sem qualquer sequência lógica. Diz ele que quando damos, o fazemos dentro de contextos lógicos lógicos daí achar que a grática devia ser dada como integrada na língua e dela fazendo parte e nunca como meio de aprendizagem dessa mesma língua, pois ensino das regras pode levar à sua deturpação. É tal método terá maior ou menor sucesso, consoante o professor for ou não engenhoso.

Embora esteja ainda hoje a ser usado, não teve o sucesso que se esperava, por várias razões, sendo uma o facto de alguns dos partidários pensarem que a aprendizagem de uma língua estrangeira seria o mesmo que a aprendizagem da língua mãe. A criação, como todos sabem, apronde a sua língua pelo chamado "processo natural". Faz a antes de ler ou escrever. E porque o faz? Porque ouve, ouve repetir e vai relacionando os sons com os diversos objectos que a rodeiam. Mas não ouve sons isolados. Ouve uma frase, da qual retém um ou dois sons. Liga-o a um determinado objecto. Quando o deseja e quer chamar a atenção de alguém, pede-o pelo nome. Ela é capaz de pensar no objecto e "chamá-lo" mesmo que não esteja à vista. A pouco e pouco vai aprendendo vocabulário. Qual? De tudo o que a rodeia, primeiramente. Depois a sua área vocabular vai aumentando e começa não só a empregar palavras como a construir frases com estruturas, embora não as distinga. Não sabe o que são vogais ou consoantes, não tem qualquer ideia a respeito de regras de pronúncias, mas tudo ela aprende, ouvindo e repetindo. Não lê, nem escreve. Se fala. Não conhece a distinção entre o uso de palavras para coisas, acções ou qualidades, mas, mas aprende-as, como aprende, também a fazer uma afirmação, uma pergunta uma ordem, um pedido...

Mas a criança nem sempre imita. Ela pode, por vezes, inferir, gramaticalmente e errar. É o caso quando diz "gived" ou "teached" por analogia com "looked" "called", etc...

Se muito do que se passa com a criança, acontece com um aluno que aprende de uma língua estrangeira, principalmente se for pelo chamado "oral approach", nem tudo é assim tão fácil, pois a mente deste já não é uma "tábua rasa" como era a da criança. Ela tem já enraizada os hábitos linguísticos da língua mãe, que por vezes se chocam com os da nova língua.

Mas o que é o "oral approach"? Embora em alguns aspectos semelhantes ao método directo o "audio-oral approach" ou "audio-lingual approach" oral approach" sugeriu para o substituir. São semelhantes porque ambos preconizam uma preponderância da oralidade sobre a leitura ou escrita, apesar de no oral approach a leitura ser adida até que a escritura da nova língua esteja, firmemente, dominada. Ambas admitem, embora esporadicamente, o uso da tradução, quando se verifique necessária para a verdadeira compreensão da matéria apresentada. A gramática é aprendida através da língua e não esta pela gramática.

.../...

Segundo Einar Haugen (1) a designação de oral approach parece ter sido, pela primeira vez, utilizada por Charles Fries, professor da Universidade de Michigan, o fundador do seu English Language Institute que fez, contudo, y uma distinção entre o "seu oral approach" e o dos outros linguistas. Para Fries "oral approach" é:

- 1- a shift of emphasis from the learning of vocabulary to the mastery of basic structures,
- 2- the introduction of drills in oral production and reception, instead of reading and translation in the early stages of language learning,
- 3- emphasis on the building of accurate and fluent linguistic habits." (2)

- 1- Teaching English- a collection of readings- Wishon and O'H are-pág. 1
- 2- Idem, pág. 2.

Não lhe chama "method" ou "technique" mas um "approach" à aprendizagem de uma língua baseada numa compreensão científica dos actos da própria língua. Claro, que não exclui o uso da escrita como auxiliar dessa aprendizagem, achando, contudo, que nunca deve ser usada na primeira fase de contacto com uma língua estrangeira.

Embora não desprezando a leitura ou o estudo da gramática os partidários do "oral approach" acham que o domínio oral tudo deve preceder. Assim um tal "approach" englobará as seguintes fases: "listening (and understanding) speaking, reading and writing, e que mais adiante aludirei. O seu sucesso reside no facto de se ouvir percebendo e falar uma língua estrangeira mais rapidamente, embora para tal seja necessária uma selecção de materiais arranjados de acordo com fortes princípios linguísticos.

Segundo Fries "oral approach" é is a nome primarily for the end to be attained in the first stage of language learning rather than a descriptive limitation of the permissible devices to attain that end." (1)

Qual será esse fim? A formação de hábitos que levam o indivíduo a falar e a perceber, quando falada, determinada língua.

A segunda guerra mundial talvez tenha trazido um problema ao ensino das línguas vivas, principalmente o ensino do inglês. Linguistas americanos insistiram na imitação e memorização de frases básicas coloquiais, exactamente iguais às pronunciadas por nativos. Forneciam também elementos distintos de entoação.

- 1- Teaching and learning English as a foreign language-pág. 8-C.Fries.
The University of Michigan Press.